

Decolonialidade e processos criativos: uma sala de aula inclusiva

ALVES, Aflore Felix

RESUMO

Uma sala de aula inclusiva e democrática é aquela que está diretamente conectada com cada discente, e principalmente, com a realidade. O ensino conectado com as noções de decolonialidade possibilitam além da inclusão, a desconstrução das matrizes coloniais que criam uma hegemonia do conhecimento. Seja nas oficinas dentro de sala de aula, ou nas da universidade, o processo de formação necessita estar atrelado entre prática e reflexão acerca do fazer teatral, dos processos históricos e políticos, e da própria sociedade contemporânea. O presente artigo abordará como tais prática se conectam diretamente com as ações artístico-pedagógicas que vem sendo desenvolvidas pela bolsista no programa da Residência Pedagógica.

Palavras-chave: Processo criativo. Decoloniadade . Sala de Aula inclusiva.

Introdução

O governo Federal Brasileiro possui em sua Política Nacional de Formação de Professores, o Programa de Residência Pedagógica que proporciona aos cursos de licenciatura, o aperfeiçoamento da formação de seus discentes de forma prática dentro das escolas de educação básica. Os principais objetivos do Programa de Residência Pedagógica visam incentivar e promover uma formação acadêmica de docentes que exerçam de forma prática e teórica, os currículos pedagógicos dos seus respectivos cursos de licenciatura, baseando-se nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para que possamos ter uma educação básica fortalecida e bem estruturada, é necessário investir na formação dos futuros professores que estão no ensino superior, logo essa relação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as SEI/CAPES que o programa da residência pedagógica proporciona, é fundamental para o amadurecimento e crescimentos destes futuros profissionais.

Diante do atual cenário mundial causado pela pandemia do coronavírus, o ensino está acontecendo de forma remota, e tem sido um desafio constante. Por mais que nos proporcione dar continuidade às atividades e práticas, possibilitando chegar a lugares antes difíceis, é inegável a solidão que as telas nos causam. Muitas vezes, nos comunicamos apenas com avatares dentro de uma sala virtual, câmeras e microfones desligados, que não nos dão nenhuma garantia que as discentes se fazem presentes ali, se não estão fazendo outras coisas e

largaram o celular por aí, apenas para marcar presença. Mas prosseguimos nessa jornada, acreditando que o conhecimento está sim sendo propagado, mesmo com toda a exaustão que as telas vem causando na maioria das pessoas.

As oficinas da residência pedagógica estão ocorrendo de forma sendo resultado de um ensino híbrido de aulas síncronas e assíncronas. Segundo José Moran, 2015, p.42, as aulas síncronas “acontecem em tempo real, ao vivo, com professores e estudantes online ao mesmo tempo Normalmente, essas aulas requerem que professor e alunos tenham uma conexão de médio padrão para suportar a aula ao vivo”; já as aulas assíncronas “as estudantes fazem suas atividades de acordo com a sua disponibilidade de tempo e de acesso à tecnologia. Essas atividades podem ser oferecidas em vídeo, áudio, livros, artigos etc. Nesses casos, os professores podem preparar o material com antecedência e enviar por aplicativos ou outros meios de comunicação com alunos e famílias.” MORAN, José: 2015, p.42

O projeto da residência pedagógica garante e efetiva um espaço para as estudantes do ensino superior conseguirem experienciar de forma prática a docência. A residência é de extrema importância para o curso de licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri exatamente pelo fato de muitos desses espaços serem dificultados por se tratar do ensino de arte. Sem a existência da residência pedagógica, os cursos que mais seriam afetados seriam os voltados para o ensino de arte. Infelizmente ainda existe na sociedade contemporânea “comparações” equivocadas de que certa disciplina é mais “importante” que outra, e em suma maioria, as voltadas para as linguagens artísticas são as mais prejudicadas.

Minha experiência como bolsista da Residência Pedagógica tem sido imensamente produtiva. Toda semana possuímos encontros com a coordenação e bolsistas, sendo um espaço de compartilhamento de experiências, dúvidas e questionamentos, que se tornam fundamentais para nosso crescimento como futuras discentes. As leituras de textos compartilhados e as temáticas abordadas nos ajudam na fruição e execução das aulas com as discentes. Um dos textos sugeridos para ser debatido em roda de conversa, mudou totalmente minha visão de como encarar o desafio de ser professora. Intitulado por “Gesto decolonial como pedagogia: práticas teatrais no Brasil e no Peru”, o artigo escrito pela pesquisadora Martha Hass juntamente de Gilberto Icile, me causou uma revolução.

Em outras leituras, já havia entrado em contato com o termo *decolonial*, porém com a leitura efetuada para o encontro da bolsa da residência pedagógica, consegui finalmente entender mais a fundo o conceito. Além de me instigar a querer pesquisar mais sobre, e agregar ao meu fazer artístico e pedagógico. Nós vivemos num país continental e que sofreu muito no processo de invasão denominado pejorativamente como “colonização”. A desigualdade social é proveniente historicamente desse período, e isso afeta diretamente o sistema educacional. O Brasil ainda é um dos países no mapa da fome e do analfabetismo e se existe uma possibilidade de mudar essa realidade é através da educação. A decolonialidade nos auxilia a resgatar nosso senso de pertencimento, de ser brasileiro e de tantos outros conhecimentos e histórias que foram apagadas no processo violento de formação do nosso país. O termo decolonial, segundo o pesquisador Walter D Mignolo (2014) “é um processo de luta tanto contra uma matriz colonial e seus preceitos universalizantes, homogeneizadores, hierarquizantes e eurocêtricos, quanto por outros conhecimentos e outras formas possíveis de existência, sempre em inter-relação e articulação com o outro”.

Gestos decoloniais movimentam e desconstroem as matrizes coloniais de hegemonia de conhecimento, saberes, comportamentos e fazeres presente na sociedade humana como um

todo. Entendendo a fundo a expressão, Walter Mignolo (2014) define gesto como “um movimento do corpo ou dos membros que expressa ou enfatiza uma ideia, sentimento ou atitude”, logo o significado de gesto decolonial seria “o movimento do corpo que carrega um sentimento e/ou uma intenção decolonial; [...] O gesto decolonial, portanto, está relacionado com pensamentos e práticas que rompem com a colonialidade do saber e do poder, contribuindo para a emergência de falas e saberes locais: indígenas, mestiços, femininos, africanos, camponeses etc”, MIGNOLO (2014). Na minha visão, o gesto decolonial proporciona um espaço de acolhimento a tantas existências negadas e silenciadas historicamente na sociedade brasileira, grupo minoritários que quando unidos, sobrepõem o que seria tido como “maioria”.

A leitura me deixou inquieta e me impulsionou a buscar trazer para minhas práticas fora e dentro da sala de aula, gestos decoloniais de fazeres, saberes e das relações de poder. Iniciei uma busca por uma fazer artístico que inspire outras pessoas a encontrarem suas autonomia ao mesmo tempo em que resgatem suas ancestralidades, se conectem com sua própria essência sem viverem a mercê do que é dito como “normal” ou hegemônico. Mas ao mesmo tempo, percebi já estar fazendo isso antes mesmo de tomar consciência de tal ato. Como uma pessoa Trans não binária, a pressão que a sociedade me impõe é constante e exaustiva, a ponto de eu precisar me acostumar a não reagir com certos tipos de situações desgastante, como piadas ou ameaças nas ruas, pois temo pela minha própria vida. Ninguém merece se acostumar com coisas ruins, principalmente quando está diretamente ligado a sua própria existência. Acredito que a educação sempre será o primeiro e maior caminho de mudança para uma sociedade mais humana e plural.

Grandes avanços vêm ocorrendo quando percebemos o número crescente de discentes e pesquisadoras do ensino superior serem Travestis, pessoas Trans, não binárias, queer, negras e indígenas. Ocupando lugares que anteriormente lhe foram negados historicamente. Estão conseguindo ecoar suas vozes e inspirarem tantas outras pessoas a lutarem também, pelo direito de estudar. Um fluxo de pesquisas e discussões vem crescendo e tomando conta do meio acadêmico sobre subjetividades autônomas de cada grupo e suas individualidades. Estamos caminhando cada vez mais ao encontro da pluralidade. E isso reverbera nos outros níveis de ensino e na sociedade, afinal dez ou até mesmo cinco anos atrás, não discutimos pautas de representatividade fora dos espaços acadêmicos, e isso hoje em dia é possível desde dos meios tecnológicos às rodas de conversas entre familiares.

Como discente do curso de teatro da universidade regional do cariri (URCA), venho entendendo cada vez mais, principalmente agora como bolsista da residência pedagógica, a importância de não desvincular o processo pedagógico do processo de criação artística. Seja nas oficinas dentro de sala de aula, ou nas da universidade, o processo de formação necessita estar atrelado entre prática e reflexão acerca do fazer teatral, dos processos históricos e políticos, e da própria sociedade contemporânea. Essas conexões culminam no que é definido como ações artístico-pedagógicas, que seriam “projetos que visam a não só formar atores, mas também cidadãos responsáveis”, segundo HAAS, Martha, 2019.

A pesquisa que inicialmente levei para dentro do programa da Residência Pedagógica girava em torno da vídeo-performance, seguindo uma metodologia de criação autoral, passando por técnicas de improvisação teatral, roteirização, figurino, maquiagem e depois migrando para o audiovisual, pensando nos aspectos de captação de imagem e edição, onde ao final das oficinas culminaria numa exibição coletiva de todos os materiais produzidos. A partir do momento que entrei em contato com o conceito de decolonialidade, percebi o quanto

os conceitos se aproximavam de uma ideia de inclusão, respeito da individualidade de cada discente.

Das vivências que o processo das ações artístico-pedagógicas que venho experimentando em sala com as discentes a partir da vídeo-performance, tem sido muito frutífero. Quando estruturei todas as etapas da oficina, foi diretamente pensando em proporcionar às discentes, uma gama de possibilidades e de visões de um mesmo trabalho, que através dessas experiências, pudessem tanto expandir seu olhar artísticos mas também como indivíduos. Mesmo infelizmente não conseguindo se aprofundar em cada etapa, como a maquiagem ganhar uma técnica primorosa ou uma maior experimentação com o vídeo, passar por todas as etapas do processo, proporcionará as discentes uma maior noção sobre toda a produção da obra, assim como múltiplas possibilidades de interesses: a discente que não gosta de atuar poderá gostar mais de filmar ou de maquiar, e assim por diante. Por mais que não detenham o conhecimento de forma profunda, ao saber da existência de cada etapa, futuramente podem pesquisar e se aprofundar.

A escolha por trabalhar com vídeo-performance teve influência direta de dois fatores: a pandemia e a liberdade autoral proporcionada pela performance. A presente pandemia do coronavírus que estamos vivendo, afetou o mundo como um todo, diversos setores foram amplamente prejudicados, mas acredito que o teatro foi um dos que mais sofreu, correndo igualmente risco de existência. Afinal, como produzir teatro remotamente se é a arte do encontro? Como nos fazer presentes num momento que se necessita de distanciamento? Essas e muitas outras perguntas me inquietaram a buscar outros meios de continuar produzindo arte em meio ao caos pandêmico.

A linguagem da performance se tornou o centro do meu fazer artístico, assim como um refúgio em meio a todo o caos a que o mundo está submetido. Ao trazer para o trabalho dentro da sala de aula do programa da residência pedagógica, busco antes de tudo, inspirar as discentes a também encontrarem seus refúgios e se conectarem com sua sensibilidade, produzindo trabalhos artísticos que dialoguem diretamente com suas inquietações. Quando expurgamos nosso males, nossas almas se tornam mais leves. E a performance cria esse espaço acolhedor e híbrido.

“Hoje, a arte da performance reflete a sensibilidade célere da indústria de comunicações, mas é também um antídoto essencial aos efeitos do distanciamento provocados pela tecnologia, Porque é a presença mesma do artista performático em tempo real, da ‘suspensão do tempo’ dos performers ao vivo, que confere a esse meio de expressão sua posição central” (GOLDBEERG, 2015, pg 216).

A performance possibilita que a artista se faça presente, não só fisicamente, mas com sua história, vivências, corpo, dores e afetações para/com a realidade. Tudo isso se interliga diretamente com a decolonidade, gerando um encontro que soma forças para se canalizar através das ações artístico-pedagógicas que venho propondo dentro da residência pedagógica. Acredito que a educação que se conecta diretamente com a realidade de cada indivíduo assim como a de uma sociedade, consegue gerar grandes mudanças. Afinal, quando vivenciamos aquilo que estudamos, o conhecimento se agrega diretamente a nossa existência.

O trabalho com o vídeo se faz pertinente, pois a maioria das pessoas possuem acesso a aparelhos celulares ou tecnológicos que possuem a função de filmar. Esse registro possibilita um imenso campo de possibilidades para a criação artística. No campo da arte da performatividade, existe a vídeo-performance, linguagem a qual venho desenvolvendo junto das discentes; partindo das inquietações pessoais ou sentimentos que a pandemia vem causando em cada uma. A doutora Tania Alice nos auxilia num maior entendimento, ao afirmar:

“Muitas vezes considerada abstrata ou enigmática, a linguagem da performance responde aos impulsos criativos mais diversificados de artistas que expressam seus anseios, desejos e vivências dentro de uma linguagem adaptável em função das exigências dos seus criadores, espaços e participantes, constituindo-se a partir e contaminando todas as linguagens artísticas.” **Tania Alice** no artigo ***Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como (r)evolução dos afetos, 2014, pg 33.***

Diante de toda a crise pandêmica e climática iminente que também estamos vivendo, gestos decoloniais atrelados aos processos das ações artístico-pedagógicas, se tornam grandes articuladores de propagação de conhecimento. Os assuntos vão se misturando e se conectando, por que não podemos mais pensar numa educação, numa sociedade e num mundo desassociado com a ideia de todo. Tudo está conectado e precisamos resgatar esse equilíbrio. A sala de aula precisa ser um espaço diretamente conectado com a realidade.

“gestos decoloniais seriam quaisquer e todos os gestos que direta ou indiretamente se engajam na desobediência dos ditames da matriz colonial e contribuem para a construção da espécie humana no planeta em harmonia com a vida no/do planeta, da qual a espécie humana é apenas uma ínfima parte e da qual depende. E isso contribuiu para a re-emergência, resurgência e re-existência planetária de pessoas cujos valores, modos de ser, línguas, pensamentos e histórias foram degradados para serem dominados.” MIGNOLO, 2014.

Uma sala de aula inclusiva e democrática é aquela que está diretamente conectada com cada discente, e principalmente, com a realidade. O ensino conectado com as noções de decolonialidade possibilitam além da inclusão, a desconstrução das matrizes coloniais que criam uma hegemonia do conhecimento. É necessário resgatar os saberes que muitas vezes aprendemos com avós e avôs, ampliar as noções de comportamento e também questionar os padrões dos mesmo, afinal, somos uma sociedade humana plural, é tolice insistir que sejamos iguais. O que nos torna fortes é exatamente a pluralidade.

Este ano de 2021, estamos comemorando o centenário de um dos mais celebres educadores brasileiros, Paulo Freire. O grande autor da “pedagogia do oprimido”, lutou por um ambiente escolar que ensinasse aos discentes, a desenvolver um senso crítico sobre o mundo para que pudessem transformá-lo. Para Freire, não bastava apenas ensinar a ler e escrever, a educação precisava estimular as estudantes a usarem seu conhecimento de forma social e diretamente ligada à vida cotidiana.

"Os livros de Paulo Freire foram publicados em quase todo mundo. A Pedagogia do Oprimido, é a obra mais importante, a terceira mais citada em trabalhos de ciências humanas do mundo, foi traduzida e publicada em mais de 20 idiomas. A produção teórica e a reflexão sobre sua prática como educador e consultor, inspirou e ainda tem inspirado, inúmeras pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas que são realizadas no Brasil e em vários países do mundo" Maurilane de Souza Biccas, professora de História da Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP)

A metodologia “Freiriana” possui um método revolucionário, principalmente ao evidenciar que o Brasil não possuía modelos adequados que conversasse com a realidade educacional, infelizmente em 1964 ele foi preso pela ditadura militar, acusado de ter pensamentos comunistas e incentivar revoltas populares. Durante 72 dias permaneceu preso, depois passou 16 anos em exílio, onde dedicou-se a desenvolver e ampliar sua obra. A maioria das instituições educacionais, seja no Brasil ou no exterior, possuem métodos híbridos, pois todos os métodos têm defeitos. Em sua pedagogia, Paulo Freire buscava respeitar as características e conhecimentos que cada um possui, afinal, não existe um indivíduo que detém todo o conhecimento existente, de um doutor à um agricultor, de uma professora à um morador de rua, sempre podemos aprender algo com outro, o que muda é a forma como lidamos e contextualizamos o conhecimento..

Em meio a este período sombrio em que vivemos, a educação continua sendo uma fonte de luz e esperança, e estarmos comemorando o centenário desse grande mestre que é Paulo Freire, só nos inspira a continuar o seu legado. Participar da residência pedagógica tem me auxiliado a amadurecer de forma prática, minhas pesquisas e métodos enquanto professora, pesquisadora e artista. É preciso pontuar o quão inclusivo é necessário o programa se faz, ao propiciar uma pessoa Trans não binária como eu, conseguir atuar na área de formação Vivenciar a experiência de dar aula, ainda durante o processo de graduação me auxilia a perder mesmo e ganhar confiança para atuar na área. Sou imensamente grata ao programa e espero que possamos dar continuidade às atividades no próximo semestre.

Referência Bibliográfica

ALICE, Tania. “Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como (r)evolução dos afetos”. São Paulo: Catálogo Palco Giratório do SESC: 2014. http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/c4fa1ae6-dd7b-4b52-b3bb7c8dc5e55f12/catalogo_Palco_Giratorio_2014.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=url&CAC HEID=c4fa1ae6-dd7b-4b52-b3bb-7c8dc5e55f12

GOLDBEERG, Roselee. A arte da performance: do futurismo ao presente; tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 edição. São Paulo, 2015.

HAAS, Martha; ICLE, Gilberto. Gesto decolonial como pedagogia: práticas teatrais no Brasil e no Peru. Urdimento, Florianópolis, v.3, n.36, p. 96-115, nov/dez 2019

MIGNOLO, Walter. Looking for the Meaning of “Decolonial Gesture”. E-misférica, vol. 11, n.1, 2014. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/en/emisferica-111-decolonial-gesture/mignolo> Acesso em: 22 jul. 2016.

MORAN, José: 2015, p.42 in BACICH, Lilian(org). **Ensino Híbrido:** personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015

O centenário de Paulo Freire: admirado no mundo, também é vilão da direita. Acesso de 20-09-2021 às 15:18.

<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/09/4950096-o-centenario-de-paulo-freire-admirado-no-mundo-tambem-e-vilao-da-direita.html#:~:text=H%C3%A1%20exatamente%20100%20anos%2C%20em,da%20pedagogia%20mundial%3A%20Paulo%20Freire.>



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI –URCA
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

